

**TEXTES DU 2 SEPTEMBRE 2022 – FESTIVAL DÉPAYSAGER –  
REFUGE DU RAS DE LA CARANÇA, MADRID et LISBONNE  
INVITATION DE MARGARIDA AGOSTINHO - SINCRONICIDADES**

**Isadora Dantas** 26 sept. 2022 20:46 (il y a 3 jours)

2 de setembro de 2022 - Refuge de La Carança, Pirineus Orientais - Na sala de jantar do refúgio porque afinal veio a chuva

primeiro de tudo um arrepio no coração enquanto os corpos se juntam, esses que querem ser um pouco menos humanos, que se ajuntam e balbuciam "mas escrever... qualquer coisa?". os olhos ficam molhados enquanto a mulher de casaco rosa traz as palavras-convite da margarida em leitura. emoção de sentir ali o segredo que tece este silêncio entre nós agora. saberes que o corpo transporta... e vamos escrevendo, escrevendo, escrevendo. moscas sobrevoam a mesa e tocam despididamente as folhas, as mãos, as caras. já não sei se chove... aqui e acolá bisbilhoto a janela. lá fora as vacas vão comendo a relva, os sinos nos pescoços cantando seus movimentos. tenho cantado muito, como louca. mudo de cor a toda a hora, como um camaleão. vou aprendendo a manusear este fio, esta linha camaleônica que vai sendo isa. amanhã danço. gostava que estas pessoas pudessem estar amanhã. esta é uma coisa dos refúgios... pessoas chegam e pessoas vão todos os dias... o dia seguinte vai ser sempre imprevisível... que constelação se formará? chegarão? virá quem disse que vinha? será que vão querer estar com uma dança? vai chover? a amizade vai sendo a pulsação de fundo da aventura, ilumina a alegria e rega a confiança de trazer uma dança amanhã. a co-escrita amplifica alguns gestos e acontecimentos criando uma bolsa sempre permeável de silêncio entretanto espesso, grosso. e vai tonificando o corpo que acompanha, vai tecendo o entre, vai ensinando coisas que não sabemos o que são, mas teimamos... algo que importa acontece. há muita neblina nas montanhas. ela apaga os picos, tanto os mais próximos quanto os mais distantes.

---

27 sept. 2022 15:08 (il y a 2 jours)

**margarida agostinho**

re-envio o meu para tod@as!!

2 de Setembro

Não sei se hei-de escrever ou calçar a mesa. A esta hora e a esta altura do ano esta esplanada parece uma praia. Deve ser por isso que andei à roda da mesa até me sentar de frente para o mar (embora não se veja o mar daqui). Ou então tem a ver com a direção para onde sinto que me devo alinhar e que deve ter a ver com as pessoas que escrevem também a esta hora. A ponta desta caneta arranha um pouco. É provável que escrever seja tanto esta delícia que eu vá querendo cada vez mais que a experiência seja completamente saborosa. Um deslizar da caneta no papel como as fascias deslizam entre si. Parece-me tudo um mesmo trabalho.

Chega um neto com uma avó. Ela diz: "quando tu eras pequenino..." mas ele não deve ter mais de 10 anos. Esta coisa da idade é curiosa. Acho que somos tudo desde que nascemos, é mais a forma como vamos vendo os outros com o tempo fisicalizado na sua imagem, e isso implicitamente nos retornar a nossa, embora para nós nada tenha mudado. mas quando tinha 10 anos as pessoas que tinham 10 anos não tinham apenas dez anos. E as que tinham 20 eram velhíssimas!

As conversas continuam aqui. Cada mesa uma história. Um grupo de amigas de cabelos

brancosemana uma temporalidade. Os dois homens lá ao fundo bebendo imperiais emanam outra. A avó sentada frente ao neto, a beber o seu café enquanto ele olha para o telemóvel, outra. Passa um bando de crianças a pedir gelados. Atrás da árvore dois jovens namorados também abrem o chapéu de chuva do seu mundo. E no entanto estamos todos aqui neste momento. Uma teia que é emanada pelo lugar que permite isso. Sempre que o lugar emana essa teia eu tenho a tendência de chamá-lo de praia. Talvez porque foi na praia que reconheci essa emanação como uma coisa de importância pela primeira vez. É como se um lugar apenas fosse capaz de chamar uma forma de esatr contemplativa. De pousar num sítio com um chapéu de sol e não ter uma agenda. Uma preocupação do que se tem de fazer a seguir. Então há outras dimensões da ligação que se permitem. A demora daquela senhora comendo uma tosta de queijo. A mãe que segura o bebé no colo enquanto olha a paisagem. O grupo de miúdos com uma bola. Como a energia corre depressa pelos seus corpos... não tem a ver com a velocidade a que se mexem. tem a ver com a qualidade do movimento. Ele todo entregue na atenção de onde está a bola e como ir apanhá-la. A atenção toda focada no momento. É como os desenhos das crianças onde o perto e o longe estão todos no mesmo plano.

LÁ ao fundo um grupo de velhotes joga à sueca, com outros em pé a ver. Sinto cada um a fazer o que está a fazer, mas também podia sentir que cada um está a fazer o que se espera de si próprio. É como dois mundos paralelos sempre co-existent. O que se vê também é sempre uma escolha. (pausa para pensar nisto)

o meu olhar perde-se agora em dois cães.

entretanto já acabaram com as imperiais. O moço tem de ir buscar outro barril ao armazém dos barris.

Os cães brincam um com o outro, mas quando o dono de um deles se vai embora o cão segue-o e o outro fica a olhar nessa direção. "foi boa a brincadeira, amigo! até amanhã!"

Lembro-me de ficar chateada de o tempo passar tão depressa quando estava a fazer uma coisa que gostava de fazer. Acho que isso me acontecia mais quando eram os meus pais que diziam: "vá agora temos de ir embora!" à medida que fui eu decidindo qual era a medida da hora de ir embora fui reprimindo que instalar essa fronteira só tornava a coisa mais saborosa. "agora vou ter de ir!", como no mar, há que saber ir embora antes que se fique com frio e guardar-se vontade para um próximo encontro.

Agora a praça é invadida por um silêncio. Ficar aqui um tempo dá para ver que mesas desaparecem e que mesas continuam. Os dois amigos têm as imperiais renovadas. já as amigas dos cabelos brancos foram-se embora. Não dei por terem ido. Tinham um estar muito silencioso. Chegam casais. Eles bebem imperiais. Os filhos comem gelados.

A música diz: "Vale a pena! Estou vivo!"

O homem do cão que ficou vem também para a esplanada.

Se estivermos atentos cada ser está a contar uma história. Não é feita de palavras, é mais um canto.

Uma tonalidade. um ritmo. Uma melodia que é o mais próximo de um dizer. Mas ainda assim não é nada disso. é como se essa canção, esse tom, essa melodia, fossem efeitos colaterais de uma coisa mais silenciosa. O lugar da pergunta. E isso vem inteiro desde que nascemos. É como se fosse um buraco, um canal, que quando se sopra emite um som. Mas a pergunta é o buaco. Não é o som.

Cada pessoa que se aproxima é tão intrinsecamente diferente.

A um rapaz sentado há algum tempo num banco de jardim chega a pessoa de quem percebo agora ter estado à espera. Parece-me um encontro marcado por uma aplicação dessas de encontros porque ambos estão claramente pouco à vontade um com o outro, mas têm uma estranheza comum.

---

---

**Marta Fandiño** 3 sept. 2022 11:35

18:00h, en la Línea 1 del metro de Madrid

Sin agarrarme a la barra, escribiendo pensamientos sin sentido  
Yendo a comprar una llave inglesa de wallapop porque se me ha estropeado el váter  
Escribiendo desde el móvil mientras camino por el pasillo hacia la salida, porque se me ha olvidado la libreta en casa

Hoy estuve una hora en el médico para que me dijeran que no tengo cáncer y no me voy a morir, que lo que pensaba que era un tumor era nada más ni nada menos que mi cuello del útero. Ha sido raro descubrirlo gracias a una exploración de una médico.

También me han tomado la tensión, todo correcto. Me han medido, pensé que media 1.80, y no 1.77, me ha dolido un poco en el pecho descubrir que no tenía la medida perfecta.

Últimamente no siento mucho, creo que me he puesto modo robot para hacer la mudanza.

Pero sigo siendo capaz de oler el perfume de macho iberico que algún hombre se ha puesto para viajar hasta Vallecas.

Ayer estrené mi vestido de novia, me lo compre antes de irme de Lisboa, era mi último sueño. A día de hoy te puedes comprar un vestido de novia por 3 euros de segunda mano. Un poco locura no?

El lunes empiezo las clases y el jueves me voy a Galicia a hacer una pequeña visita a mis padres y creo que de alguna manera así, posponer más el comienzo de las clases. O simplemente por ser rebelde, tampoco me importa mucho saber el porqué.

Un señor se ha metido la mano en el pantalón supongo que para colocarse bien el pene.

Creo que había cosas de España que no echaba mucho de menos.

Aunque otras sí

Es raro escuchar conversaciones ajenas y entender todo

Hay un movimiento diferente en esta ciudad

Tenho muitas saudades

Y también muchas ganas de irme de fiesta

Nada nuevo, tampoco diferente

Un día más, una danza comienza

Se me olvidaba, he renovado mi ropa interior por una de calidad, supongo que esto significa que me estoy haciendo mayor.

---

---

**Coline Gras**

mar. 6 sept. 13:14

17h30, refuge du Ras de la Carança, França

Crying. Trusting.

Some sounds of letters who are sitting here. The man with the black shirt write in allemand, maybe going to draw, the sound of the cows outside because we are inside, side, raining, outside, big wave in secret speaking, acabando de falar algumas gotas com as pessoas que sao ao nosso lado, vejo azul, vejo rosa, vers sem os olhos, escutar sem as orelhas, percorrendo o momento como se fosse uma partitura de música que ainda as notas, a entrada das notas fosse alguma coisa ainda afinando-se.

Beco da orelha, murmúrios, a bruma deixou na vallée da Carança e estou me dizendo que eu nao sei onde por um punto de fim ao fim dalguma frase. Labios. Gestos micros e familiares. A atmosfera do refugio quase poderia se sentir como alguma queimadura nos bordos da pele.

Ressoar. Résonnateur.

Révision du volume interne de la voix. La porte s'ouvre, une dame passe la tête en dehors, nous voit, sursaute un peu, disparaît à nouveau derrière la porte. L'écriture de ce monsieur à côté est violette.

Maintenant se transforme en maintenant... Un léger balancement vient de dedans, étendre la jambe, plier la jambe.

*Elle écrit. Elle veut savoir si elle peut bouger d'endroit pour écrire. C'est elle. La courbe comme ça. Une parenthèse selon des courbes transparentes.*

Tout de suite, je suis en courbe, peu d'autres choses existent, on dirait qu'il existe juste des courbes, j'aimerais, elle aimerait.

Rhizome d'alicante barbantem barbouillée, et palpitante, mixture sauvage, le temps des étoiles mélangé à l'odeur de la soupe ce soir.

Oups. Uma volta.  
Duas voltas.  
Création des *crr crr...*  
Riscos. Trait. Tumulus.

La montagne nous entend-elle?

*Elle ne cherche pas. Elle est fatiguée de chercher, elle ne veut plus chercher, elle pense que tout est là.*

Baïka chasse la vache qui veut s'abriter sous le préau. Je le vois par la fenêtre. Une tendresse se dégage de ce petit groupement de gens spontanés. Hmm. hmm. hmm.

Si les choses sont possibles. Il es tpossiblement intempestif que la mesure incalculable des temps à venir recrute des agents de la possibilité. Gnark gnark gnark. Les dents de la montagne. Gnark gnark gnark. A créature au bois vert. Gnark gnark gnark.

*Elle n'écrit pas. On s'écrit. Ici, on s'écrit.*

---- Tout le monde traverse la salle à petits pas mais le silence est autre.

*Elle n'écrit pas. Elle répète les choses pour qu'elles se comprennent de différentes manières sans que ces différentes manières ne deviennent la même manière. Mais un son, par exemple le son de la cloche de la vache, peut devenir un-même-son... Quelque-chose sa'gite, n'est pas d'accord, s'accorde. On crée les possibles, on les invente, on les surprend, on les repèrent, on les soudoie, on les active.*

Plic. Ploc. Splach.

Chaque pan, une histoire.

Un mot finissant par "aire". Mes mots, ces mots sont un peu fricoti-fricota, flouf, flouf, faribandole, flux, flageolant. Fruit de ma fraise friture, frayée, se frayant sur le fruit farfadé de la frise. C'est freaks, free-dent.

Avec la brume, on se pense pas que la montagne est si haute. Et moi je ris, mais je ris moins fort, mais je ris.

Coline

Parfois, c'est bon de revenir, retourner, qu'importe que ce soit une chose différente pour chaque personne. Tout de suite maintenant, impossible d'être seule, impossible d'écrire comme si rien n'était, impossible de rafraîchir les pensées. Et toutes ces impossibilités contribuent à rendre les possibles possibles.

---

---

**Bernardo RB**

04/10/2022, 21:04

### **Tenho gostado cada vez mais do signo de Peixes**

Póvoa de Lanhoso, casa da tia Cesca e do Alan enquanto esperam que fique pronto o sítio com pomar poço pedra e tudo

Aqui há sementes de manjeriço

Se viro um pouco pra esquerda, visito um caminho no mato

Aqui estão alguns casacos e livros que tinha deixado em Portugal no ano passado

A comida não para nunca

E a tia me ajudou com a roupa de cama para a casa nova

Tudo daquilo que é desejo é escrever de modo que os dias possam inventar

Livrinhos costuras e santinhos

Uma mesa onde as imagens possam morar

& uma vida onde invente esse tempo eu invente eu não eu

Mudo tudo quando passo do caderno pro computador

Da piscina pra cadeira de sol, da rave pro trem

Às vezes não se tem o espaço ideal para escrever

Ou não se tem o escrever ideal para o espaço

Os olhos pequeninos que turvam os contornos

Divertem-se a misturar cine cores película

Nascimento do olho

& ainda se escreve com as vozes que nos visitam do nada

a evidenciar a escuta do coração esburacado bombando

Diriam alguns, o próprio coração a fazer-se gesto ritmo língua que eu jamais de fato liberei ou controlei, jamais pude dizer o que estava dizendo e, no entanto, seguia dizendo com a certeza que está por trás

É importante ter costas

A dança ensina, mas não somente

Por trás do que se chama de legível

No dito, a chama q incinera

Acinzentada papel pálido

No dito, a escrita

Numa vida qualquer quando

Torna-se num clarão, o estar

O fino átomo essencial desistir

Átomo primeiro, o escrever

Do nada, aquilo que visita

A gente do nada selvagem

De pegar na mão um milésimo

Do segundo que cai, dança

E sem que nada te segure

Prova desacelerar dançar

Bernardo

---

## **Martin Ortiz**

### **un siècle après....les mots de l'écriture collective de cette été (carança)**

Ennemie ou partenaire

Ecrire....

comme mes jambes se placent d'elles même quant j'avance .

comme ma langue fabrique les mots que mon corps veut dire.

comme le son sort de moi sans que j'y pense.

je pense ce que j'écris ou j'écris ce que je pense?

les mots me font penser ,penser à comment les assembler pour dire ce que je voudrais dire sans le mots.

peut être que le langage est avant tout l'expression du corps?

la pensée des mots,

la parole, l'écriture sont peut être qu'une interprétation du corps.

les yeux se rassurent à voir..

les mots assure..

il me semble que les mots prennent trop de place, comparé au autre sens..

il suffit de quelques mots dit ou écrit pour que l'esprit se sente occupé..

défois les mots écrits ou même parlé, me font penser à une maladie, ou à quelque chose d'adictif..

le langage c'est autre chose..

c'est une force les mots!

ne pas en abuser, me semble important

d'autant qu'ils restent.

même quand ils ne sont pas ancrés..

je me demande si les mots sont bien vivants ?

ou si c'est le fait de les lire qui les font vivre?

les écrire serait leur naissance et après ils vivent que quand ils sont lus ou dits ...?

c'est pas une vie..

ils meurent quand on les oublie.

c'est une force collective.

et aussi une arme qui peut détruire le collectif..

Faites attention où vous mettez vos  
mots.....

GR 10. Randonnée.

La lumière du jour au travers des traits de serrure de ses yeux, une offrande comme une invitation à se réveiller, un nouvel éveil à l'instant proposé comme une zip de fermeture éclair qui se joue comme une sonorité de liberté.

L'ombre des montagnes prend toute la place, et le soleil lutte d'heure en heure par lui triomphé.

L'attente perdure mais rien ne perturbe le courant incessant de la rivière qui s'en moque. Elle a autre chose à faire. Alors le feu du réchaud enfin daigne oeuver à sa tâche non sans mauvaise volonté, à préparer ce café, ce macro<sup>café</sup> du matin, par nécessité à marcher.

L'heure s'échappe et il n'est toujours pas réveillé. Une mauvaise nuit, c'est sûr, il a empêché de se réveiller. Peut-être, une descente<sup>opertum</sup> inopinée d'esquar de moustiques en bataille rangée. Bon c'est pas gagné.

En aisé sur la tente qu'il faut faire sécher les vêtements et le sac bien rangé. On va peut-être y aller. Sa toilette n'est pas faite, il va falloir patienter. L'eau se réapprovisionner.

Il est onze heures, le premier pas <sup>enfin</sup> est lancé et le soleil a gagné. Ils marchent côte à côte et ils sont déjà un peu fatigués quand ils rentrent dans le sujet.

Une première montée sans avertissement et c'est déjà le souffle coupé que pas à pas se trace le chemin de la journée. Mais à la pause bien méritée, nous nous sommes assis pour se rafraîchir et puis comme un enfant il s'est joué de ce filet d'eau sali tout droit de la terre, lui a choisi la grande pierre en guise de vasque, pour comme un bassin naturel.

Enfin le randonneur pourra faire d'une halte et s'abreuver dans ce simple et esthétique réceptacle. La marche appelle et les montagnes nous font leur numéro de charme et var invite à les gravir pour titiller leurs jolies formes du dos dessous de vos pieds. Elle var clovent de leur hauteur pour mieux les contempler de leurs prairies douces rassurant par une sieste bien méritée. Des échappées de nuage se font plus pour mieux pas inquiéter, tandis que, ses températures degingent plus vite qu'une pierre échauffée.

Bon c'est la descente amorcée, une heure trente  
nous séparant du refuge, et c'est la queue de la  
journée.

Deux bières sur une table, sont englouties dans les  
goriers et puis quelques mots couchés sur le papier  
en guise d'apéritif partagé de la soirée.

Daniel Agéges